

51 anos nos contemplam

Alfredo Gastal, superintendente do órgão que cuida do patrimônio histórico, avista a cidade por uma janela basculante, entrevedo o Lago Paranoá, o prédio do Dnit e a Esplanada dos Ministérios

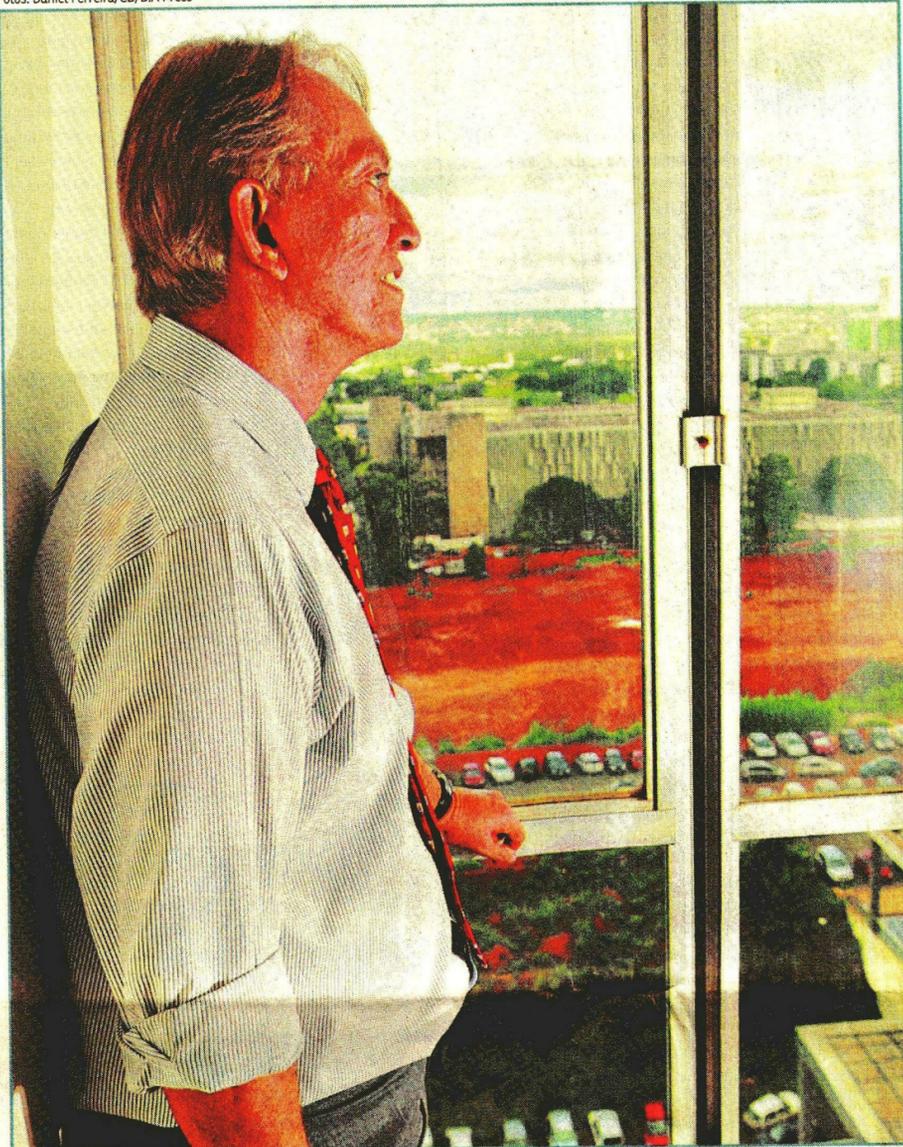
» FLÁVIA MAIA

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press

Muitos amores começam e se mantêm com uma esperança fugida de quem alimenta o sentimento com o pouco que vê. No caso do porto-alegrense Alfredo Gastal aconteceu o contrário. Quando se mudou para Brasília, em 1967, teve a oportunidade de apaixonar-se por ela por inteiro, olhando os horizontes — tão celebrados por Lucio Costa — enquanto trabalhava nas obras de construção da cidade. Hoje, o superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) contenta-se em ver a paisagem por uma frestinha da janela basculante do prédio em que trabalha.

A película velha e desbotada do vidro da janela, com um pingote de tinta branca caído no lugar errado deixa a vista do lago, do prédio do Dnit e de um pedaço da Esplanada mais escura que o normal. Por isso, a solução de Gastal é observar a cidade que tanto ama pela fresta da janela. O cigarro é o companheiro de contemplação dos espaços que viu serem preenchidos aos poucos no meio do cerrado. “Tem dias que estou danado da vida, aí, paro, fumo e olho Brasília pela janela”, conta. O imenso lote sem vegetação, com a terra vermelha à mostra, que fica em frente à janela de Gastal, preocupa-o. “Se for construído um prédio aí, o meu espaço para ver os horizontes de Brasília será ainda menor.”

Gastal chegou a Brasília em 1967, ficou 16 anos fora da cidade e agora está certo de que nunca mais vai deixar de morar na capital federal. Foram, portanto, três janelas diferentes por onde ele viu a cidade. A primeira é a de



“Queremos preservar o horizonte do Plano conforme o previsto por Lucio Costa e impedir acidentes como Águas Claras. O DF pode se adensar, mas fora desse entorno que estamos demarcando”

quando chegou. “Era uma bela arquitetura no meio do cerrado, um descampado sensacional.” A segunda é de 1995, quando voltou depois de ter morado três anos nos Estados Unidos e 13 anos no Chile. “Brasília tinha crescido muito e algumas coisas

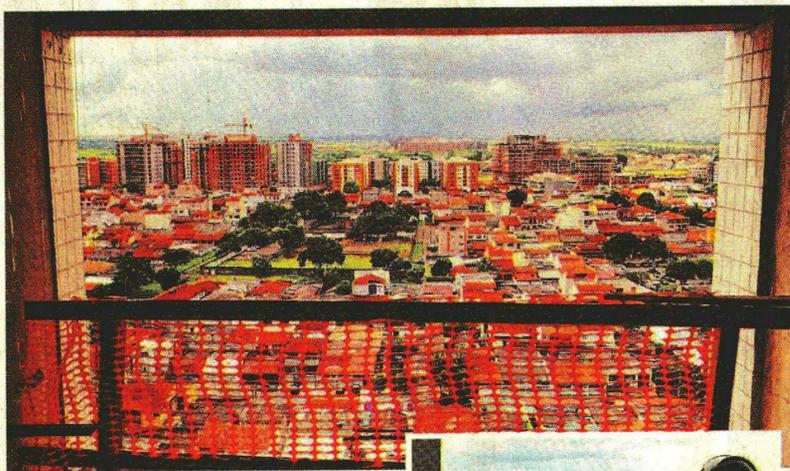
me incomodavam. Depois, percebi que a Asa Norte estava quase toda construída e era essa a diferença”, disse. A terceira, a de hoje: “Percebo que a modernidade mudou e se transformou em ‘modernosidade’. Brasília é um misto de modernismo e de brega. Os

arquitetos misturam pastilhas verde-limão com roxo e acham bonito”, diz, enquanto arregala os grandes olhos azuis e aumenta levemente o tom da voz rouca para expressar o descontentamento.

Os 70 anos de idade ensinaram Gastal a se tornar um

conservador e a lutar para manter Brasília como foi projetada na década de 1950. Os três quadros com as fotos aéreas do Plano Piloto pendurados na parede do escritório são a referência de como a cidade foi pensada e deve ser mantida. O novo desafio do superintendente do Iphan está desenhado em um quadro branco que mantém do lado da porta. O desenho coloca a Rodoviária como a posição zero de Brasília para a marcação de um raio de proteção do horizonte do

Plano Piloto. “Queremos preservar o horizonte do Plano conforme o previsto por Lucio Costa e impedir acidentes como Águas Claras. O DF pode se adensar, mas fora desse entorno que estamos demarcando”, explica. E já decidiu: “Eu vou morrer aqui e já pedi para as minhas cinzas serem enterradas na casa onde moro (no Setor de Mansões do Lago Norte). Se alguém que não for da minha família viver lá, vou assombrá-los por, pelo menos, cinco gerações”, brinca.



JANELA DO GUARÁ

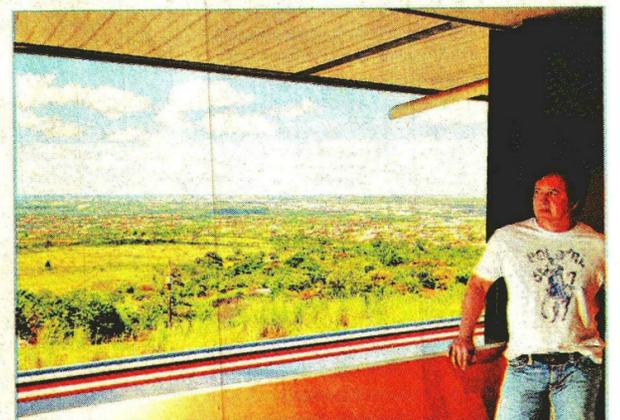
Diariamente, são produzidos 5 mil litros de argamassa para dar revestimento a quatro torres do novo condomínio residencial. O volume sai da betoneira de Manoel Eugênio Filho, 30 anos, que há um ano e meio trabalha para erguer parte de um cenário que começa a preencher o contorno e o centro do Guará: prédios acima de 10 andares, à espera de ocupação pela classe média-alta brasiliense. Desde menino, Manoel iniciou os trabalhos como ajudante de pedreiro do pai. Do 16º andar de sua construção, localizada na QE 40 do Guará II, agradece a Brasília pelas oportunidades de trabalho e sonha, um dia, em comprar uma moradia na cidade verde. “Daqui, a gente vê Brasília inteira. É linda, agradável, com muita área verde. Eu gosto da vista, do clima mais ventilado. No



Guará, quanto mais o prédio cresce, mais vende. Mas tem que ter um limite”, pondera. Se fosse para escolher, o morador de um apartamento alugado na 40 não compraria um imóvel no alto do prédio que ajudara a construir, mas “logo ali, na quadra 30”, aponta. Para Manoel, o Guará oferece uma variedade de oferta de serviços, atividades e alimentação que poucos lugares reúnem. “Vou para a igreja, saio a pé para comer pizza e bomba (espécie de sanduíche típico do Guará). Vou almoçar na feira. E tem o zoológico aqui pertinho”, resume.

JANELA DE UM MOTEL

Já pensou ser chamado para ir ao motel admirar a vista? Se a ideia soou incomum, você provavelmente nunca visitou os estabelecimentos do Setor de Postos e Motéis Norte (SPMN). Lá, em um dos pontos mais altos de Brasília, as camas com espelho no teto não são as únicas atrações. Em um deles, o Flamingo, a suíte Carnaval em Veneza é decorada com máscaras que vieram da cidade italiana, mas o que chama mesmo atenção é a imensa janela que apresenta Brasília quase por completo. Apesar da distância, é possível visualizar a Esplanada dos Ministérios, a Ponte JK e outras tantas construções famosas da cidade. Também o verde do cerrado fica à altura dos olhos, com um horizonte completo para os clientes. “Podemos chamar essa janela de arquibancada de Brasília. Daqui, você enxerga toda a cidade com uma vista deslumbrante e quisemos explorar isso dentro



do ambiente de luxo”, afirma Jeovane Moraes, sócio-proprietário do estabelecimento, que é voltado para as classes mais abastadas.